



Paulo Jorge Vieira
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território .
Universidade de Lisboa ~ pjvieira@gmail.com

Das Espacialidades Queer: notas para alargar o espectro da geografia social

Sessão temática Pensamento e Imaginação Geográfica

1. Introdução

Em 1995 Jorge Macaísta Malheiros publicou um texto intitulado “Tendências recentes na Geografia Social: o estudos dos grupos desfavorecidos” na revista *Inforgéo* da Associação Portuguesa de Geógrafos. Neste texto o autor problematiza um conjunto de temáticas relacionadas com o desenvolvimento da geografia social na geografia portuguesa que se plasmaram em diferentes momentos do desenvolvimento da geografia nos últimos 15 anos.

Partindo de algumas das pistas avançadas por Macaísta Malheiros pretendemos problematizar neste textos os conceitos de espacialidade e territorialidade tal como se colocam hoje na prática de investigação geográfica dando particular atenção ao modo como a teoria queer tem vindo a influenciar a (dês)construção destes conceitos geográficos. O conceito de espaço, e o seu gémeo espacialidade, é um elemento fundamental da construção teórica da ciência geográfica e tem, ao longo da história da geografia mudado e alterado bastante o modo como os geógrafos conceptualizam e usam esse conceito. Por outro lado na teoria social contemporânea, o espaço passou a ser um elemento fundamental de alguns dos debates teóricos e epistemológicos contemporâneo Fruto desta proliferação advinda de outras ciências, mormente das ciência sociais e das humanidades, também na geografia o conceito de espaço/espacialidade se alterou e sofreu fortes reconceptualizações. Entre os pensadores da teoria social que influenciaram essas mudanças estão Henri Lefebvre e Michel Foucault, entre outros pensadores do chamado pós-estruturalismo francês como Kristeva, Lyotard e Deleuze e Derrida A recepção de ambos na geografia foi diferenciada ao longo dos últimos 30 anos, tendo proporcionado releituras diferenciadas que influenciam fortemente parte da produção geográfica, em especial a produzida em espaços anglófonos.

De entre os elementos que pontuam na recepção destes autores estão três sobras geográficas que deveremos destacar: “Postmodern Geographies” de Edward Soja , *The*

postmodern condition de David Harvey (Harvey, 1998) e Geographical Imaginations de Derek Gregory (Gregory, 1994). Estas obras são elementos de indicação e desenvolvimento de uma particular visão do conceito de espaço/espacialidades.

Recentemente duas outras publicações vieram adensar o momento de reflexão sobre este conceito de geografia: por um lado o livro de Nigel Thrift “Non-Representational Theory – Space, Politics, Affect” que nos apresenta alguns elementos novos na construção de modelos teóricos e metodológicos na geografia humana; e por outro lado a publicação do seminal livro de Doreen Massey “For Space” que propõe um reflexão teórica complexa e relacional sobre o conceito de espaço.

Partindo assim de um debate advindo da geografia questionaremos ainda a importância que a teoria queer tem na definição deste conceitos, em particular a partir das obras de Judith Butler e de Eve Kosofsky Sedgwick, Michael Warner entre outros, cujas influências se tem plasmado em inúmeras obras que pontuam a cartografia da investigação geográfica um pouco por todo o espaço global.

Esta influência do pensamento queer denota-se particularmente na investigação da geografia social e cultural sobre sexualidades e género, o que nos leva numa segunda etapa analisar o pensamento teórico e a prática de investigação de um conjunto de geógrafos que em diferentes países do mundo tem colocado no centro da investigação geográfica a investigação sobre a sexualidades humana e as suas diferentes expressões espaciais e territoriais.

2. Espacialidade e Geografia Social

Partimos assim da problematização do conceito de espaço/espacialidade presente na obra de Doreen Massey, em particular no seu livro “For Space”, porque propõe um novo olhar sobre o conceito de espaço/espacialidade (considera ambos como um só) de molde a responder a um conjunto de questões relacionadas com multiplicidade de conceptualizações do espaço que o chamado “spatial turn” nas ciências sociais e humanidades provocou. Assim poderemos reforçar a importância da proposta de Massey salientando a partir das suas palavras os sentidos possíveis do próprio conceito de espaço:

1 . O espaço é um produto de inter-relações. Ele é constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno (esta é uma proposição que não representa nenhuma surpresa para aqueles que têm acompanhado a literatura anglófona recente)

2. O espaço é a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; é a esfera na qual distintas trajectórias coexistem; é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade; sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então isto deve implicar na existência da pluralidade: Multiplicidade e espaço são co-constitutivos.

3. Finalmente, e precisamente porque o espaço é o produto de relações-entre, relações que são práticas materiais necessariamente embutidas que precisam ser efectivadas, ele está sempre num

processo de devir, está sempre sendo feito - nunca está finalizado, nunca se encontra fechado. (Massey, 2004:8)

Tal como refere Jorge Macaísta Malheiros no ensaio, em 1995, “Tendência Recentes na Geografia Social: o estudo de grupos desfavorecidos” a geografia social desenvolve-se a partir de um conjunto de alterações advindas de transformações sociais, económicas e culturais adstritas temporalmente à transição entre os anos 60 e 70 centradas no estudo nas desigualdades territoriais e que, como refere o autor, “*após meados da década de 80 assiste-se a uma recuperação da centralidade das temáticas sociais em Geografia Humana muito associada à emergência de novas correntes como o realismo ou os projectos das Geografias Pós-Modernas*” (Malheiros, 1995:116). Neste sentido, defende ainda o autor, a necessidade de pluralizar o sujeito de investigação na geografia humana quando afirma que “***os investigadores sociais (e os geógrafos) não só passaram a assumir uma posição crítica em relação às grandes tipologias – classificatórias das sociedades e grupos sociais - “exigindo um debate e um reajustamento constantes, como alteraram a sua escala de preocupação, passando a incorporar, mais frequentemente, o estudo dos pequenos grupos de tipo diverso gerados pelo próprio funcionamento do sistema socioeconómico contemporâneo*”** (Malheiros, 1995:117/118). Neste texto que de alguma forma (re)inicia a atenção para a geografia social na geografia portuguesa, Jorge Malheiros refere ainda um tipologia diferenciadora entre 3 grupos: ***grupos exclusivamente marginalizados do ponto de vista económico; grupos económica e socialmente marginalizados; e grupos marcados pela prática de actividades ilegais.*** Ainda que esta divisão tenha um cariz experimental – pois a realidade social é bem mais complexa do que os nossos instrumentos de análise podem explicitar – ***o autor coloca lésbicas e gays no segundo grupo.***

Apesar de referindo apenas de um modo marginal Jorge Malheiros abre assim a hipótese para que questões de género e orientação sexual sejam fruto da investigação em Portugal. O desenvolvimento desta área de investigação não teve no entanto um particular desenvolvimento nestes 15 anos ainda que existam (refiro-me a publicações ou a teses publicas alguns exemplos como seja o caso do estudo sobre usos do tempo e género da cidade de Coimbra de Claudete Moreira).

Sobre esta ausência na geografia portuguesa refere João Sarmento em 2008

A Geografia do género tem-se mantido bastante marginal, e a disciplina parece quase que ignorar a tenacidade dos recentes debates e desenvolvimentos internacionais. (...)os estudos do género nunca sulcaram um corte significativo na corrente dominante da geografia portuguesa, e as geografias feministas, da homossexualidade, da juventude e da infância, da deficiência, as geografias do quotidiano ou da masculinidade, estão notoriamente ausentes.

Jorge Malheiros não deixa no entanto de fazer uma crítica as visões mais próxima de uma determinada geografia radical de origens marxista sendo capaz de reforçar na linha do que já Isabel André tinha referido salientando não apenas o capitalismo como elemento de desigualdade mas também o patriarcado

- *Da crítica da geografia radical e da sua atenção às relações de produção como elemento de construção de desigualdade*
- *Da crítica ao patriarcado e aos modelos de reprodução social na geografia às geografias feministas*
- *A diversidade dos feminismos e da análise feminista no conhecimento geográfico*
- *Da diversidade dos feminismos, do estudos de sexualidade e gays e lésbicos ao feminismo queer*

3. Pensar a Teoria Queer...

- **Raro, Estranho, Bizarro, Anormal**
- **A resignificação do insulto**
- “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada do que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 1990)
- “A teoria queer e os estudos queer propõem um enfoque não tanto sobre populações específicas mas sobre processos de categorização sexual e a sua discussão” (Joshua Gamson 1999)
 - “Queer pode referir à mistura de possibilidades, de hiatos, dissonâncias e ressonâncias, saltos e excessos de sentido, quando os elementos constitutivos da sexualidade das pessoas não são levados a produzir significados monolíticos” (Sedgwick, 1993)

Gamson: a ideia de que os processo de categorização e de construção de poder são anteriores aos sujeitos. A homofobia como anterior á homossexualidade (Eve Kosofsky Sedgwick)

- “Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações políticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade parece coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. A sua coerência é sempre provisional e o seu privilégio pode adoptar várias formas (que as vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais, é percebida como estado natural; e também se projecta como um objectivo ideal e moral”

- *“O queer pode ser compreendido como o **estudo daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando e homossexualizando – corpos, desejos, actos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais**”*
- *“A crítica pós-colonial e queer responde, em certo sentido, à impossibilidade do sujeito subalterno articular a sua própria posição dentro da análise da história do marxismo clássico. O lócus da construção da subjectividade política parece ter se deslocado das categorias tradicionais de classe, trabalho e da divisão sexual do trabalho para outras constelações transversais como podem ser o corpo, a sexualidade, a raça, mas também a nacionalidade, a língua, o estilo, ou, inclusive, a linguagem” (Preciado, 2002)*

4. ... alargando o espectro da geografia social

Rachel Pain et all. na introdução da obra colectiva *Introducing Social Geographies* propõe de um modo simplificado como objecto da geografia social: **“os modos como as relações sociais, as identidades sociais e as desigualdades sociais são produzidas, a sua variação espacial e o papel do espaço na construção das mesmas”** (Pain et all, 2001:1) Este colectivo reafirma ainda nesta introdução a importância das relações de poder na construção das relações sociais e claro também da sua espacialização:

“as relações sociais as quais os geógrafos sociais têm dedicado a sua atenção as de classe, género, sexualidade, raça, idade e deficiência – estão em torno do poder, opressão e distribuição de recursos na sociedade. A geografia social está também preocupada com as identidades, que estão sempre associadas a modos de vida, e por isso não são apenas relacionadas com ideologias, mas também poder e recursos” (Pain et all, 2001:4)

Estes autores destacam igualmente a importância da investigação sobre sexualidade e espaço reafirmando a primeira como um elemento relacional na sociedade, e referindo que “os geógrafos estão interessados nas identidades sociais associadas a desejos sexuais, e nas formas como a sexualidade influencia e é influenciada pelas geografias social, cultural, económica e política” (Pain et all, 2001:123). **Estes autores distinguem nesta obra de iniciação à geografia social o debate em torno da heteronormatividade da ciência geográfica e do planeamento e ordenamento do território (Pain, 2001:127 e 138)**

Diferentemente poderemos identificar a geografia social como

- A sexualidade é lida como um constructo dinâmico social e cultural em vez de uma categoria fixa e estável

- O focus da investigação no modo como os significados e escolhas da sexualidade são socialmente e espacialmente construídos são predominantemente heteronormativos.
- As geografias podem ser (re)escritas colocando em duvidas as assumpções heteronormativas de teorias anteriores

Social Geographies – From Difference to Action Ruth Panelli,

O debate e o exemplo de David Bell e do texto Fucking geographt

De um modo diferente Larry Knopp (um dos fundadores dos estudos sobre geografia e sexualidade – os seus primeiros ensaios sobre o tema reportam ao final dos anos 80) salienta num texto publicado na obra geografias da Sexualidade em 2009:

- A crítica à ontologias espaciais de fixidez de conceito de lugar em contraponto com construções de pertença elusivas, efémeras e desintegradas.
- Ir além das leituras heteronormativas das espacialidades gays e lésbicas que recentram as mesmas no bairro/ghetto , sexualidade (queerizando) o espaço no seu todo.
- Ultrapassar as dicotomias do conhecimento entre discursos e materialidade: *“o discursivo é sempre material e o material é sempre discursivo”* potenciando uma *investigação metodologicamente integrada de ambos.*

Larry Knopp

